

AS ARTESÃS DA COMUNIDADE PEDRA BRANCA: “SABER PASSADO DE MÃE PARA FILHA”

Entre as filhas, Maria da Luz Oliveira Rodrigues (37), Natália de Oliveira Rodrigues (42), e a neta Elisiane de Oliveira Santos (13), dona Maria Francisca de Oliveira (68) relembra como tecer redes sustentou a família em uma época de dificuldades. Quando casou com o Raimundo Andrade Rodrigues (65), que é agricultor e nem sempre conseguia levar alimentos da roça para casa, ela preparava os fios de linha até tarde da noite para no dia seguinte, tecer as redes. Ela saía ainda de madrugada caminhando por 25 quilômetros todos os dias com as filhas pequenas até Pedro II (PI) para vender as peças na feira.



Dona Maria Francisca, as filhas Maria da Luz e Natália e a neta Elisiane, no tear da família

Em 2005, dona Maria sofreu um aneurisma e ficou impossibilitada de fazer suas redes. Ela conta que, por causa do valor caro dos remédios, pediu a Deus que lhe desse um serviço que não lhe fizesse mal. Foi quando teve um sonho aprendendo a trabalhar com fios alvejados. “Foi aí que eu acordei com aquela mente, queria trabalhar e foi de onde tirei o meu mundo de volta, foi no trabalho. Hoje estou aqui, linda e maravilhosa, porque Deus me deu a bênção de voltar a fazer minhas redes e não fiquei com deficiência nenhuma”, afirma Maria Francisca.

A artesã continuou tecendo redes até suas filhas se casarem e seus dois filhos, Leonardo e Nailton se mudarem para a cidade. “Moro só com meu velho e a vida continua”, diz.

Natália Rodrigues, casada com José Gomes, agricultor, começou a tecer ainda bem pequena para ajudar a mãe. Hoje, o Bolsa Família é um apoio, mas a artesã diz que a maior renda da casa é das suas redes e bordados. Elisiane, filha de Natália e que tem apenas 13 anos, afirma com orgulho que vai continuar o trabalho da avó e que já ganha o seu próprio dinheiro.



Natália e a filha Elisiane urdindo os fios

Aos 13 anos de idade, devido às dificuldades que sua família passava na época, a filha mais nova de dona Maria Francisca, Maria da Luz, foi para o Rio de Janeiro trabalhar em casa de família, retornando um ano depois para São Brás, município de Pedro II (PI). Anos depois, ela se casou com o agricultor e barbeiro Mateus Soares e logo após o nascimento do filho Luiz Felipe em 2007, o casal se mudou para o Assentamento Pedra Branca, município de Pedro II(PI).

Da Luz aprendeu com a irmã a fazer crochê e passou a ajudar nas despesas da casa. No início foi difícil pois, sem acesso à internet, ela não tinha muitas encomendas, mas hoje, a artesã recebe inúmeras e suas peças já foram até para fora do Brasil.

“Mesmo com toda dificuldade eu não desisti, porque eu sabia que o crochê me traria uma renda, não me deixa com a cabeça vazia e ainda faço com minhas próprias mãos, foi um dom que Deus me deu”, afirma. Além do artesanato, a família de Da Luz mantém um quintal produtivo com pés de caju, coco, laranja, limão e banana, e a criação de galinhas para consumo próprio.



Da Luz, a afilhada Maria Clara e a sobrinha Elisiane



Maria Clara e sua mãe Solange Chaves

Rede solidária

O que dona Maria Francisca ensinou às filhas Natália e Maria da Luz é compartilhado com outras mulheres na Associação Comunitária de Desenvolvimento Rural da Comunidade Pedra Branca. Fundado em 30 de outubro de 2006, o espaço vai além do estímulo ao empreendedorismo, a associação é também uma importante rede de apoio.

Uma dessas artesãs é Solange Chaves (44), que trocou dez redes que fez para uma encomenda por dez redes de uma vizinha que estava precisando de dinheiro para comprar remédios para a filha doente. Ela diz que a solidariedade entre as artesãs é muito comum e um ponto forte entre elas, porque tudo gera renda para a própria comunidade. Solange é casada com Agenor Paulino (48) e mãe de Zaqueu (10) e Maria Clara (11). A menina é afilhada de Maria da Luz e está aprendendo a arte do crochê, mantendo viva a tradição do artesanato no interior do Piauí.